

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16372 - Resumo Expandido - Trabalho - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 25 - GE Corpo e Educação

CORPA EDUCADORA E ARTISTA-MEDIADORA: REFLEXÕES A PARTIR DA OBRA
“A MÃE MUDA: PELE DE MÃE PELE DE ALMA”

Ana Letícia Villas Bôas - UFPR - Universidade Federal do Paraná

**CORPA EDUCADORA E ARTISTA-MEDIADORA: REFLEXÕES A PARTIR DA
OBRA “A MÃE MUDA: PELE DE MÃE PELE DE ALMA”**

Resumo: Este estudo analisa o papel da artista-mediadora em estado performativo e a corpa-educadora como dispositivo de criação e mediação artística para uma educação estética no e pelo corpo.

Palavras-chave: arte-educação, corpo, mediação, discurso, performance

Introdução

A linguagem e a emoção transpassam os corpos dos sujeitos que demarcam os espaços, sejam eles institucionais ou não. Quais são as marcas discursivas que operam e deslocam o meu corpo (ou, minha corpa, como proponho neste trabalho) artista-docente-mãe-pesquisadora-mediadora em meu percurso na arte-educação? Quais são as narrativas que me possibilitam metaforizar-me a mim mesma neste espaço educacional? Compreendendo o corpo e discurso indissociavelmente, segundo as concepções de discurso e performance na educação (Bocchi, 2018), embarco numa perspectiva poético-discursiva delineando deslocamentos de um corpo que se escreve na pesquisa, abraçando minha muda e operando a partir da partilha da emotividade (Le Breton, 2009), desabrochando conhecimentos através da criação estética. Ou seja, nutro, por meio deste texto, possibilidades de sentidos para a minha experiência enquanto artista-mediadora, ocupando o espaço através do movimento fronteiro e performático que me é inscrito nesta trajetória. Atuo na metaforização do corpo e movimento (Orlandi, 2014), vivenciando a performance enquanto este modo de impressão de um pensamento-linguagem-mundo em partilha.

A mediação artística é em si uma experiência estética potencializadora de reflexões e afetos a serem descobertos pelos corpos artistas-espectadores-participantes. Ao ser atravessado pelo efeito estético (Desgranges, 2022) o corpo percebe, através de seus sentidos sensoriais (Rosseto, 2018), e ressignifica, encontrando novas significações da experiência ali vivenciada por meio da memória e imaginação. Um novo percurso afetivo é traçado e mapeado no e pelo corpo, não apenas dos espectadores ali presentes, como também dos artistas. É impossível falar de mediação artística sem falar de corpo, pois é nele e através dele que sentimos, vivenciamos e experienciamos os acontecimentos no mundo. Pode-se dizer que o corpo é o primeiro mediador da experiência estética. “Antes de qualquer coisa, a existência é corporal” (Le Breton, 2020, p.7), e é através dessa corporeidade que o ser humano faz do

mundo a extensão de sua experiência.

A mediação artística convida o espectador a interpretar, questionar e reinterpretar significados através de uma experiência sensorial e emocional única. A mediação teatral, além de promover interação social crítico-reflexiva, é vista por Flávio Desgranges (2022) como um processo educativo e transformador, capaz de estimular o pensamento crítico e de fomentar debates sobre questões políticas e culturais. A mediação pode ser um espaço seguro para a expressão e reflexão, desempenhando um papel fundamental na formação de uma sociedade mais consciente e participativa. É oferecer meios, de um saber-fazer, envolvendo um diálogo contínuo entre obra, artistas e espectadores, e proporcionando uma experiência estética profundamente enriquecedora e capaz de promover transformações significativas. Assim, o mediador atua como um facilitador entre a obra de arte e o público, criando conexões significativas e interpretativas.

Para Ney Wendell (2014), o papel do artista é multifacetado e vai além da simples criação ou execução de obras. Ele enfatiza a importância do artista como um mediador cultural e social, desempenhando diversas funções essenciais, como: Mediador Cultural e Social, Agente de Transformação, Construtor de Pontes e Facilitador de Experiências Estéticas. Ou seja, o artista-mediador é alguém que não apenas cria arte, mas também media as relações entre a obra e público. Isso envolve facilitar o entendimento, a apreciação e a reflexão sobre a arte, promovendo uma experiência enriquecedora para os espectadores. O artista no seu papel de mediador, em diálogo com os espectadores, pode questionar normas estabelecidas, ampliar horizontes e estimular novas formas de pensar. A mediação cultural/artística que ocorre no encontro entre os sujeitos artistas-espectadores, cria espaços de simbiose nos quais os papéis se confundem ou até desaparecem. A partilha de experiência que ocorre na mediação permite a construção de conexões poéticas e simbólicas entre os sujeitos atravessados pelo efeito estético. A mediação é performance e o corpo artista-mediador é performativo e está em constante estado de performance. Compreendendo a minha corpa artista-mediadora, questiono-me: é possível uma (minha) corpa artista-mediadora construir possíveis caminhos (ou espaços entre) para uma Educação Estética?

Aspectos metodológicos envolvidos na pesquisa sobre/com corpo e educação

Minha pesquisa sobre/com o corpo/corpa atravessa o campo da autoetnografia, de Sylvie Fortin (2010). Sendo esta abordagem reflexiva e crítica que combina elementos da etnografia (estudo descritivo de culturas) com a narrativa pessoal do pesquisador, Fortin apresenta algumas de suas principais características como: a narrativa pessoal, a contextualização cultural, a análise e reflexão crítica e teórica, a interseccionalidade e complexidade das identidades e experiências e a responsabilidade ética. Me utilizo da autoetnografia como um método de pesquisa reflexivo para examinar meu processo criativo dentro da minha pesquisa-performativa e do trabalho de mediação artística “A mãe muda: pele de mãe pele de alma”. Documentando meus *insights*, minhas reflexões, práticas, decisões e desafios na pesquisa de doutorado até agora, nutro valiosos materiais do meu

percurso performativo-acadêmico. Exploro, aqui, minha narrativa autoetnográfica como forma de arte performática e parte integrante de uma performance artística, recolhendo minhas próprias narrativas pessoais, memória, corpo e experiência vivida bem como dos espectadores-participantes da mediação artística dessa experiência.

Aspectos discursivos e resultados da investigação

A performance, entendida como um movimento contínuo entre pausa e lacunas criativas, é central na pesquisa de uma artista-docente-mãe-pesquisadora que explora deslocamentos engajados e poéticos na educação. A experiência da maternidade, inserida na pesquisa acadêmica, se revela como um constante embate que deixa marcas indeléveis, refletindo-se na arte e na vida, e se manifesta na troca constante de pele, semelhante a uma cobra que se renova. O corpo, como arquivo e repertório (Taylor, 2013), é o objeto primário e sujeito da pesquisa, e a maternidade recente molda essa investigação e suas práticas diárias. A educação performativa, ao integrar o corpo e a linguagem como ferramentas de aprendizagem e intervenção, rompe com o convencional, oferecendo um espaço para a invenção e resistência contra a estagnação e o automatismo, e propõe uma nova forma de pensar a educação contemporânea através da presença corporal e estética.

Criando quase como uma segunda pele, num alargamento do corpo, a partir da sensação de “descascamento” acadêmico - como quando sofremos queimaduras de sol na pele e depois de alguns dias entramos em processo de regeneração, levando à uma descamação da epiderme. A sensação era que ao mesmo tempo que a cada enfrentamento acadêmico eu descamava um pouco, pedaços de pele eram deixados nos espaços que atravessava. Pedaços de mim por aí, ao vento, era a sensação. A cobra, quando inicia o processo de muda, principalmente quando não está cem por cento saudável, deve se esforçar para que a antiga pele ceda lugar à nova. Esticando-se, em movimentos de contração e expansão, faz com que pedaços de pele antiga comecem a ceder. Há peles sob peles sob peles, quem sabe infinitas peles. Na autoficção a partir de conteúdos e memórias pessoais, invisto para além do universo particular, alimentando-me da subjetividade e extraindo o que nela há de universal, percebendo-me além, como ser cultural. Quanto somos capazes de nos regenerarmos e encontrarmos novos respiros através dos poros? Quantas peles habitam a corpa de uma artista-docente-mãe-pesquisadora? Qual o discurso apresentado pelas peles mortas? Qual o discurso enunciado pela pele que renasce? Quais discursos minha corpa exhibe e quais ainda escondidos e silenciados?

Dou continuidade ao meu trajeto performativo, iniciando minha cena convidando-os para caminhar comigo e acompanhar a continuação do meu percurso acadêmico. Entrego canetas coloridas e explico que haverá um convite poético. Ali, naquele corredor silencioso do prédio da Universidade, compartilharam um momento íntimo, no qual, eu, enquanto mãe-artista-pesquisadora-mediadora, desnudava minhas camadas (peles de camadas de roupas, uma por cima da outra) cantarolando a cantiga de ninar Vovó da Palavra Cantada (que com licença poética, reintitulada Mamãe), deixo cair pelo chão pedaços de roupas, pedaços de

mim, na forma de vários pedaços de papéis coloridos e *post-its*, contendo palavras e frases que atravessam minha pesquisa, minha dança, meu movimento, minha vida-arte, como: atravessamentos, mulher, invisível, espaço, mediação, performatividade, aprendizagem, educação estética, percepção, camadas escamadas, espectador, potencializar, acontecimento, partilha, dilaceramentos, devir, cuidado, dramaturgias, teatralidades, investigar, subjetividades, memória, corpo, fronteira, parir, significâncias etc. Enquanto repetia uma sequência de falas e movimentos, outros papéis, despedaçados, outros vazios, convidavam os espectadores a partilharem aquele momento comigo, escrevendo seus próprios atravessamentos a partir do que experienciaram. Sem precisar falar nada, alguns colegas começaram a escrever no chão, outros - quando cheguei à pele orgânica, com algumas anotações em caneta preta, escreveram em minha pele. Naquele momento palavras, frases e sensações eram espalhadas pelo chão, papéis, corpos, cena e mundo. Alguns exemplos de partilha de palavras e frases foram: pedagogia do cuidado, educar libertação, pessoas que gestam, força, quantas de nós cabem em uma de nós?, aprendizagem, curiosidade, superação, não à PL 1904 pela vida de pessoas que gestam, desejo educar, em meio às lágrimas estou tentando viver o momento, tensões etc. Ao final, fomos compondo novas articulações poéticas, compartilhando atravessamentos de vida-arte-pesquisa.

Considerações finais

Neste trabalho busquei analisar o papel da artista-mediadora em estado performativo e a corpa-educadora como dispositivo de criação e mediação artística para uma educação estética no e pelo corpo. Ou seja, como fazer do próprio corpo artista-pesquisadora (e mãe) um espaço para mediação, provocando convites de efeito estético para a fruição da obra. Com a ação artística performativa intitulada “A mãe muda: pele de mãe pele de alma” permito metaforizar minha pesquisa-corpo em diálogo com as disciplinas vivenciadas na academia, numa retroalimentação discurso performativa. Enquanto movo minha corpa-mãe e tracejo um caminho de peles mortas, sou renovada pelas contaminações do entorno, concomitantemente à trajetória que muda e viceja, viva e repleta de sentidos. Ao mesmo tempo em que sou a própria pesquisa em acontecimento, também é o encontro vivo com o outro, que completa a obra com suas próprias produções de sentidos, ampliando minhas significações e simbologias e aproximando corpos-repertórios cujas novas dramaturgias corroboram com as minhas. As palavras e marcas deixadas pela ação performativa, apontam possíveis caminhos de conhecimentos em construção, onde meus discursos, através da linguagem, corpo e estética, nesta perspectiva, habitam nos interstícios silenciosos que borram as fronteiras da minha arte-vida acadêmica. Compreendo o artista-mediador como um corpo artista que transita em várias esferas sociais e culturais, educando esteticamente a si e outros corpos e espaços que atravessa. Dando continuidade ao meu percurso auto etnográfico saliento a importância de um corpo-presente propositor, disponível e engajado em estabelecer uma relação de mediação em sua ação artística. Não existe uma receita de bolo, muito menos um entendimento verdadeiro e único, mas muitas compreensões e possibilidades de atuação de uma corpa artista-mediadora em extensão poética. Finalizo com bell hooks (2013), salientando a necessidade, enquanto mãe-artista-docente-mediadora-pesquisadora, de atrelar a prática

educacional e artística ao Eros, essa força “que auxilia o nosso esforço geral de autoatualização”, para que sejamos inteiros nesta relação entre corpo e vivência pedagógica, utilizando dessa energia que me atravessa para sair do automatismo e reascender a chama da imaginação crítica.

Referências;

DESGRANGES, Flávio. **Decirse Público**: Entre la mediación teatral y el efecto estético (Spanish Edition). Trad. Amézquita, César; Monge, Gina; Scundeler, Camila. São Paulo: Hucitec Editora, 2022. Edição do Kindle.

FORTIN, Sylvie; Trad. Helena Mello, S. (2010). **Contribuições possíveis da etnografia e da auto-etnografia para a pesquisa na prática artística**. Cena, (7), 77.

GABARDO JUNIOR, Jair Mario; GONÇALVES, Michelle Bocchi. Educação performativa: travessias. In: Jean Carlos Gonçalves; Marynelma Garanhani; Michelle Bocchi. (Org.). **Linguagem, Corpo e Estética na Educação**. 1ed. São Paulo: Hucitec Editora, 2020, v. 1, p. 97-108.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Trad. Marcelo Brandão Cipolla, São Paulo: Martins Fontes, 2013.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Petrópolis, Rj: Vozes, 2020.

ORLANDI, Eni. Parkour: corpo e espaço reescrivem o sujeito. **Revista Línguas e instrumentos linguísticos**, Campinas, n. 34. mai/dez, 2014. Disponível em: <http://www.revistalinguas.com/edicao34/artigo4.pdf>.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

ROSSETO, Robson. **Interfaces entre cena teatral e pedagogia**: a percepção sensorial na formação do espectador-artista-professor. Jundiaí, SP: Editora Paco, 2018.

TAYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório**: performance e memória cultural nas Américas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

WENDELL, Ney. **Estratégias de mediação cultural para a formação do público**. Bahia, Fundação Cultural do Estado da Bahia – FUNCEB, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/2SqrTm9>. Acesso em: 12 jul. 2024.